

SEÇÃO REFLEXÕES**PANDEMIA EM PARAISÓPOLIS:
COMO AS DECISÕES ADOTADAS
NA COMUNIDADE IMPACTARAM NA
VIDA DE SEUS MORADORES**

Recebido em **17.8.2021**
Aprovado em **23.8.2021**

Valdir Recalde de Oliveira

*Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Finanças Empresariais
da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).*

E-mail: valdir.recalde@hotmail.com

Ana Maria Roux Valentini Coelho Cesar

*Professora adjunta no Programa de Pós-Graduação em Controladoria
e Finanças Empresariais da UPM.*

E-mail: anamaria.cesar@mackenzie.br

PANDEMIA EM PARAISÓPOLIS: COMO AS DECISÕES ADOTADAS NA COMUNIDADE IMPACTARAM NA VIDA DE SEUS MORADORES

O CASO DE PARAISÓPOLIS NO ENFRENTAMENTO DA COVID-19

Era março de 2020. Gilson Rodrigues, 35 anos, líder da comunidade de Paraisópolis, tinha acabado de receber um convite para dar entrevista à equipe da BBC britânica. Eles queriam saber como uma das maiores favelas paulistana estava recebendo o impacto da pandemia. Diversos cientistas sociais e sanitaristas apontavam que, no momento inevitável, quando a pandemia adentrasse a favela, milhares de vidas seriam ceifadas. Tudo o que se propunha como tratamento para o controle da pandemia não tinha a menor possibilidade de ser aplicado em Paraisópolis. Como os moradores da comunidade iriam praticar *home office*? Como essas famílias sobreviveriam sem renda? Como a criança que estuda nas poucas escolas da comunidade teria aula *on-line*, se essas famílias não têm internet em casa nem computador? Como isolar o doente em caso de contaminação, para que os demais membros da família também não se contaminassem? Como fazer isso quando famílias de cinco ou seis pessoas dividem o mesmo teto, um barraco? Como “lavar frequentemente as mãos” se nem todos os barracos têm água encanada? Como usar álcool em gel, se não se tem dinheiro para comprar comida?

Fruto de uma tentativa de loteamento de luxo frustrada, Paraisópolis ocupa uma área de 10 km², na zona oeste da cidade de São Paulo. A oportunidade de trabalho, sobretudo na construção civil, em decorrência das obras dos luxuosos edifícios e mansões do novo bairro do Morumbi, atraiu muitas pessoas, que encontraram nos terrenos não ocupados de Paraisópolis o recanto de uma moradia, embora ilegal. Hoje com 100 mil pessoas, que ocupam cerca de 21 mil barracos, a comunidade de Paraisópolis é considerada a segunda maior favela de São Paulo e quinta maior do Brasil. É cercada por prédios luxuosos e *shopping centers* que contrastam com a pobreza da comunidade.

Na Comunidade, os casos de Covid-19 foram percebidos como algo muito distante, que só estavam ocorrendo em outros países; assim, só se contaminavam aqueles que haviam viajado para o exterior, realidade distante dos moradores da comunidade. Então, como que repentinamente, começaram os casos de moradores que apresentavam sinais de uma gripe. Logo nas primeiras semanas de março, dezenas de moradores estavam em quarentena nos barracos, com medo do desconhecido. O receio maior era que, sem

VALDIR RECALDE DE OLIVEIRA, ANA MARIA ROUX VALENTINI COELHO CESAR

medidas de isolamento e higiene, logo a comunidade se tornaria vítima da pandemia, concentrando incontáveis casos e óbitos. Além de vítima, temia-se que a favela também assumisse a fama de vilã, pois seus moradores levariam a doença para a casa dos seus patrões, especialmente no caso daqueles que eram empregados domésticos. As principais preocupações eram as seguintes possibilidades: o pobre deixaria de trabalhar, não haveria escola para as crianças, as famílias estariam confinadas em seus barracos, podendo até passar fome. Na verdade, esse medo do desconhecido poderia se converter, em curto prazo, em realidade. Não havia um plano para a realidade das favelas, uma vez que as medidas de contenção não se aplicavam às condições de moradia, sanitária e outras lá existentes. Entendia-se ser necessária a ajuda de todos da comunidade para salvá-los da tragédia anunciada. Isso significava solidariedade entre os membros, apoio aos empreendedores locais e ações para que o governo municipal apoiasse essa comunidade.

Após tentativas frustradas com os entes públicos, que sofriam com enormes demandas naquele momento, a comunidade resolveu arregaçar as mangas e agir, desenvolvendo um conjunto de ações, com destaque para as elencadas a seguir:

- *Presidentes de Rua* – espinha dorsal das demais ações, foi montada uma comissão formada 420 moradores, chamados de Presidentes de Rua, sendo cada um deles responsável por cuidar de 50 casas, cobrindo, assim, a totalidade dos 21 mil domicílios. Seus objetivos eram: 1. manter os moradores em casa; 2. distribuir as doações de mantimentos e outros itens; 3. comunicar os casos de moradores contaminados; e 4. esclarecer a população desmentindo notícias falsas.
- *Cestas Básicas* – com a forte divulgação espontânea nos meios de comunicação, as doações de alimentos de primeira necessidade começaram a chegar. Para evitar aglomeração, no ato de distribuição foi montado um grande plano logístico para fazer que as cestas básicas, por meio das mãos dos Presidentes de Rua, chegassem às famílias necessitadas.
- *Marmitas* – com doações de diversas iniciativas, uma cozinha de porte industrial foi montada no Pavilhão Social. Com a ajuda de voluntários, diariamente eram preparadas cerca de 10 mil refeições, distribuídas em marmitas para toda a comunidade, pelas mãos dos Presidentes de Rua, ou diretamente no Pavilhão Social.

PANDEMIA EM PARAISÓPOLIS: COMO AS DECISÕES ADOTADAS NA COMUNIDADE IMPACTARAM NA VIDA DE SEUS MORADORES

- *Socorro Médico* – por meio de captação de verbas da iniciativa privada foi viabilizada a contratação de três ambulâncias, sendo uma delas equipada com unidade de terapia intensiva (UTI) móvel. Foram contratados sete profissionais da saúde (médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem e socorristas), que revezaram em um atendimento 24h por dia, sete dias na semana. Acionada pelos presidentes de rua, e orientada pelas vielas e becos por moradores que integravam a equipe de pronto atendimento, as ambulâncias chegavam rapidamente ao paciente. Esse serviço prestado à comunidade atendeu, em média, a 15 chamados por dia.
- *Casa de Acolhimento de Paraisópolis* – com consentimento e apoio do governo do estado de São Paulo, duas escolas estaduais da comunidade, que estavam sem aulas devido à pandemia, foram convertidas em centro para abrigar os moradores contaminados que não tinham condições de se isolar nas próprias residências. Cada escola foi equipada com 260 leitos, oferecendo alimentação, medicamentos e suporte para os moradores da comunidade que estivessem em situação de quarentena.
- *Projeto Costurando Sonhos Brasil* – este projeto consistiu na criação de um grupo de costureiras de Paraisópolis que passaram a fabricar máscaras de pano para serem distribuídas na comunidade. Essas máscaras também eram vendidas na região próxima a Paraisópolis, garantindo-se também uma renda para essas trabalhadoras que atravessavam momentos difíceis.

As iniciativas e decisões adotadas na comunidade de Paraisópolis, coordenadas pelo líder comunitário Gilson Rodrigues, foram fundamentais para salvar vidas. Isso pode ser confirmado por diversas pesquisas que atestaram que a mortalidade da Covid-19 em Paraisópolis foi menor em comparação com outras regiões da cidade de São Paulo e, inclusive, com alguns países. O Instituto Polis, que é uma organização da sociedade civil, analisou as mortes por Covid-19 em São Paulo e constatou que a mortalidade em Paraisópolis, no ano de 2020, foi de 22 por 100 mil habitantes, enquanto em Brasilândia, comunidade semelhante, foi de 106 por 100 mil habitantes, e na cidade de São Paulo, como um todo, foi de 56 por 100 mil habitantes. Tudo foi bem até que veio a segunda onda da pandemia. Muitas dessas ações propostas não puderam ser mantidas. Houve erro nas decisões tomadas ao longo do processo?

VALDIR RECALDE DE OLIVEIRA, ANA MARIA ROUX VALENTINI COELHO CESAR

A ANÁLISE DAS DECISÕES TOMADAS

Conforme afirma Kahneman (2012), os humanos têm dois mecanismos psicológicos para processar informações e tomar decisões. O sistema 1, que é automático, instintivo e emocional; e o sistema 2, que é lento, lógico e deliberado. O sistema 1 possibilita a tomada de decisão rápida, especialmente pelo uso das chamadas heurísticas, atalhos cognitivos baseados em experiências prévias. Todavia, ao mesmo tempo que o pensamento intuitivo facilita o processo decisório, o uso dos atalhos cognitivos leva à incorrência de erros sistemáticos de julgamento, os vieses cognitivos (Ricchiute & Williams, 2001). A confiança excessiva no sistema 1 pode levar a uma má execução de planos, pois esse sistema tende a se concentrar em resultados concretos, imediatos, distraindo o decisor das consequências abstratas e de longo prazo de suas decisões (Kahneman; Sibony & Sunstein, 2021).

As ações na comunidade de Paraisópolis foram construídas pelas lideranças e sedimentadas no processo de heurística de julgamento, uma vez que a experiência anterior na solução de problemas sociais foi replicada no novo desafio imposto pela pandemia. As possibilidades e alternativas de ações foram analisadas tendo como enquadramento a experiência passada na própria comunidade, pois antes da pandemia o principal líder comunitário já vinha conduzindo diversas ações que visavam à promoção do bem-estar social, à capacitação profissional e ao suprimento de alimentação básica à comunidade. Contudo, as ações anteriores à pandemia eram financiadas por doações da sociedade civil, cuja atenção era chamada para as causas da comunidade por meio de publicidade espontânea promovida pelos meios de comunicação.

O julgamento das alternativas de apoio financeiro, ao longo da pandemia, foi ancorado a partir da experiência passada, havendo a crença de que seria possível continuar captando recursos financeiros por meio da sensibilização social. Esse processo ilustra forte incorrência da heurística da ancoragem, segundo a qual, as estimativas de verbas para o futuro são tomadas com base nas captações passadas. Todavia, durante a pandemia, o cenário foi extremamente alterado; a duração da pandemia e o ânimo dos mantenedores para permanecer patrocinando as ações na comunidade se alteraram ao longo

PANDEMIA EM PARAISÓPOLIS: COMO AS DECISÕES ADOTADAS
NA COMUNIDADE IMPACTARAM NA VIDA DE SEUS MORADORES

dos meses, comprometendo a continuidade de várias ações durante a segunda onda da pandemia. Na comunidade de doadores, entre as pessoas jurídicas, provavelmente muitos tenham tido perdas substanciais em seus negócios; entre as pessoas físicas, é possível que muitos tenham enfrentado vários tipos de dificuldade que podem tê-los levado à priorização de outras ações que não a doação.

Embora Paraisópolis continue em busca do “seu normal”, com falta de água, falta de apoio na área de saúde, desnutrição e altas taxas de desemprego, entre outros problemas, destacou-se um outro lado da favela: uma enorme capacidade de organização para encontrar soluções em meio às crises, considerando seus escassos recursos. Solidariedade, criatividade e as decisões tomadas pelas lideranças fizeram a diferença nessa comunidade no ambiente da rede G10 Favelas; as decisões de Paraisópolis têm sido adotadas por outras comunidades em busca do fortalecimento dos negócios locais e da comunidade como um todo. A grande rede de solidariedade permanecerá como um modelo para enfrentamento de dificuldades e busca de resolução para questões de urbanização, infraestrutura, saúde e outras necessidades de Paraisópolis. Quanto à busca de recursos, a pandemia desnudou a necessidade de busca de outras alternativas para geração desses. A incorrência no viés de ancoragem mostrou as dificuldades para manutenção de um sistema social complexo e, ao mesmo tempo, com tantas fragilidades, como a favela. Nesse cenário, talvez seja importante pensar na programação do uso de *nudges* para incentivo à doação, prática adotada em vários países e situações (Thaler & Sunstein, 2009), tratando-se de dicas voltadas para os doadores de modo a incentivá-los a retomarem as doações – uma intervenção de baixo custo e de fácil implantação, mas com resultados significativos (Thaler e Sunstein, 2009; Beshear & Gino, 2015).

Por fim, destaca-se que as decisões tomadas para contornar os problemas impostos pela pandemia na comunidade de Paraisópolis tinham como centralidade o objetivo de salvar vidas e promover o bem-estar social no curto prazo. Ainda que tenha havido a incorrência em heurísticas e em vieses de decisão, não se reduz o valor dos atores que levaram a cabo as iniciativas, verdadeiros protagonistas em meio ao abandono e ao caos.

VALDIR RECALDE DE OLIVEIRA, ANA MARIA ROUX VALENTINI COELHO CESAR

REFERÊNCIAS

- Beshear, J., & Gino, F. (2015). Leaders as decision architects. *Harvard Business Review*, 52-62.
- Guimarães, L. (18 de março de 2020). Favelas serão as grandes vítimas do coronavírus no Brasil, diz líder de Paraisópolis. *BBC News*. Recuperado de <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51954958>.
- Kahneman, D. (2012). *Rápido e devagar*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Kahneman, D., Sibony, O., & Sunstein, C. R. (2021). *Noise*. London: William Collins.
- Ricchiute, D. N., & Williams, H. J. (2001). Heuristics, biases, and decision making in accounting. *Issues in Accounting Education*, 51-58.
- Thaler, R. H., & Sunstein, C. R. (2009). *Nudge*. New Haven, CT: Yale University Press.